

Heidegger e Hermenêutica – Do argumento e do consenso no cotidiano

Heidegger and Hermeneutics – On the argument and in everyday consensus

Wellington Amâncio da Silva *

Recebido em: 03/2015

Aprovado em: 05/2015

Resumo: O objetivo desse trabalho é discutir introdutoriamente as possibilidades da linguagem no cotidiano. Isso se deu através de uma abordagem a partir de alguns tópicos de “Sein und Zeit”. Portanto, de uma hermenêutica existencial a partir do animal político (ὁ ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῷον) de Aristóteles, bem como do primado deste animal “capacitado de palavra” (ζῷον λόγον ἔχον). Assim sendo, observar-se-á o conceito de argumento e consenso, bem como das possibilidades do “logos” - enquanto uma “faculdade” que corrobora para a sua própria ontologia, compartilhadas nos contextos do mundo cotidiano. Por fim, o contexto em que este texto se desenvolve é o de uma ontologia política inerente aos sujeitos da linguagem e do conhecimento no momento mesmo das suas interações.

Palavras-chave: hermenêutica, linguagem, existência.

Abstract: The aim of this work is an introductory conversation about the possibilities of the language in everyday life. This occurred through Heidegger's hermeneutical approach, under some topics from “Sein und Zeit”. Therefore, the existential hermeneutics from the Political Animal (ὁ ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῷον) of Aristotle, and the rule of this animal “capable of word” (ζῷον λόγον ἔχον). Therefore, observe will be the concept of argument and consensus, as well as the logos of possibilities - while a “college” which confirms its own ontology, shared in the everyday world contexts. Finally, the context in which this text unfolds is a political ontology inherent in the subject of language and knowledge at the very moment of their interactions.

Keywords: hermeneutics, language, existence.

* Universidade do Estado da Bahia Universidade Federal de Alagoas, Grupo de pesquisa Ecologia Humana – CNPq. E-mail: welliamancio@hotmail.com

“Hermenêutica não significa a teoria da arte de interpretação ou a própria interpretação, mas sim a tentativa de definir antes de tudo a natureza da interpretação no terreno da hermenêutica”.

Martin Heidegger, “Um Diálogo sobre a Linguagem”.

Introdução

Se estivermos de acordo que o sujeito é, em sua natureza, um animal político (*ὁ ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῷον*)¹, então, o primado *deste* animal “capacitado de palavra” (*ζῷον λόγον ἔχον*)² se realiza apenas na condição de coautoria do mundo em seus significados e, na práxis intersubjetiva da linguagem como possibilidade discursiva e possibilidade de lida, agir no mundo em parceria, isto é, com o outro, “numa união de quem não pode existir sem o outro”³. Antes, em face da existência, o *argumento suscitado* é parte da permissão dada ao sujeito de ser ouvido e de ser entendido, assim como ao engajamento de ouvir e se debruçar sobre os sentidos do outro, num diálogo, isto é, no âmbito das possibilidades e esforços *do compreender*⁴; esta relação é um estado *em aberto* de concordância.

Diante do *λόγον*, em sua essência dialógica, apenas autoria, em seu sentido pleno, é uma contradição. O liame do entendimento que conecta os sujeitos é complexo, nos deteremos apenas no liame da linguagem que é, em seu turno, a dimensão essencialmente racional da existência.

Em vista disso, o objetivo desse trabalho é discutir as possibilidades da linguagem por meio de uma abordagem fenomenológica, de perspectiva *existencial situada*, determinante à presença/sentido do mundo, entre os sujeitos. Assim sendo, observar-se-á o conceito de *argumento e consenso* como os dois pilares dos diálogos “políticos” cotidianos, bem como das possibilidades do *logos*, isto é, do Diálogo - enquanto uma “faculdade” que corrobora para a sua própria ontologia, compartilhadas nos contextos do mundo da vida, em coautoria.

Destaca-se a valorização dos aspectos intersubjetivos da apreensão do *Ser Implicado na linguagem (Dasein)* e suas representações constitutivas e constituídas, através dos modos de inteligibilidade (hermenêutica, representação, discurso), como *abertura* e acessibilidade para mundo, lugar de

copertença, isto é, do aspecto político essencial do ζῷον λόγον ἔχον. Com efeito, aspecto imanente, portanto, incontornável, em qualquer interação humana.

O consenso e a linguagem do animal político

Argumentos levantam questões que, mesmo problemáticas em suas representações da linguagem, por si só, vão ocasionando consensos, isto é, o *primeiro* “consenso” de que há um problema explicitado na composição do conceito apresentado pelos argumentos discursivos interessados dos sujeitos e, o *segundo* consenso que, em seu contexto particular, pode representar as condições de *passividade* (a) ou de *atividade* (b), em que o outro: a) decide abrir-se ou permite receber o *caso* do sujeito; b) em que, cada um dos sujeitos, afirma seu caso sem negar o caso do outro-sujeito, condição de pré-ocupação com o “*fremden Seelen lebens*”, isto é, com a “vida do espírito de outrem”⁵ como “desarmar-se” em face do “insondável espírito de honestidade”. Com isso, Habermas (2012) expõe que, no processo de sua leitura, “argumentos são meios com os quais é possível obter o reconhecimento intersubjetivo de uma pretensão de validade levantada pelo proponente de forma hipotética”⁶. Mas, antes, é preciso *retomar* de ponto de vista “suspeito”, isto é, “negativo”, a questão do “insondável espírito de honestidade” aí implicado e idealizado, por vezes, automaticamente num diálogo pretencioso⁷. Por exemplo, Lyotard (2008) nos esclarece profundamente a questão das variáveis aí implícitas ao nos apresentar que “todo consenso não é indicativo de verdade; mas, supõe-se que a verdade de um enunciado não pode deixar de suscitar o consenso”⁸. Destarte, “é possível definir uma origem das condições de produção” desses discursos em suas relações simbólicas, o local, a instância, o campo e estatuto onde são produzidos. O lugar onde a “verdade é provada e o consenso suscitado”. Por exemplo, “A enunciação *é verdade*, significa: que ela descobre o ente em si mesmo”⁹, propõe uma certa autonomia dos sujeitos em suscitar o verdadeiro como o descobrimento de um ente característico de um jogo de linguagem, de um contexto de linguagem, de uma relação política de diálogo, destarte, disto, tomamos o *ente (Seiende)*¹⁰ é subjetividade. Portanto, segundo Da Silva (2014a), é preciso

encarar o diálogo como a possibilidade da linguagem como uma condição, isto é, comunicar é condicionar-se com o *outro dos sentidos* em uma aceitação constante e de permuta protagonista/interlocutor¹¹.

Sabemos bem que o consenso dá-se pelo entendimento da *estrutura* que o compõe, por meio do diálogo, sem necessariamente visar compreender as *estruturas* interessadas do próprio diálogo, isto é, o “insondável espírito de honestidade” dos protagonistas do discurso. Desta perspectiva, consenso é aquilo que, na linguagem os sujeitos “compartilham cognitivamente em comum”¹². Ambas, as estruturas, como representação de formas de significação – é uma racionalização de todo o processo, muito embora ele aconteça sempre no “calor” das divergências e “cindibilidades” ontológicas inerentes à própria vida social. Nesta perspectiva, Maturana (2001) corrobora com a expressão heideggeriana do “*Mit ein ander sein*”, do *ser-um-com-o-outro*¹³, contribuindo à discussão ao defender que o consenso se refere “as condutas ou a coordenação de condutas que se estabelecem como resultado de estar juntos em interações recorrentes”¹⁴, sem a preocupação com aporia do determinismo implícito do “insondável espírito de honestidade”. Por causa desses jogos wittgensteinianos, a “familiaridade no consenso, em face da inerência das divergências e cindibilidades”- nas interações dialógicas -, se apresentam, portanto, ainda como um processo de similitude entre a questão *do que se diz* e a relação com o “objeto” representado *no que se diz com* o autor e como “autor”, entre autores que tecem no diálogo seus sentidos, nos jogos das afirmações de poder de significar. Corroborando com isso, Figal (2000), afirmaria que Heidegger vai encontrar na familiaridade o traço característico da significância¹⁵.

Em seguida, o objeto correlacionado através de conceitos - ao significado e a sua existência própria -, é convencionado por meio da *interpretação* (*ἐρμενεύειν*) à questão (Frage). E sempre identificado enquanto uma problemática em si; o “objeto” sofre uma adequação eidética tanto para linguagem como por meio dela, nos processos hermenêuticos (*ἐρμενεύειν*), no ato da sua leitura (discursos interior) e depois nas exposições aos interlocutores (discurso exterior).

Assim, ocorre um ajustamento antes da interação empírica como processo de conhecimento do mundo. Heidegger intuiu

profundamente a questão ao afirmar que é apenas sob uma condição de um ambiente muito artificial e complicado que se pode “ouvir” um “ruído puro”¹⁶.

Independente do problema, o argumento é já um componente de familiarização¹⁷, do *co-gnoscere* que comunica e predica a verdade pressuposta: ao entendê-lo ou refutá-lo, sua composição se mostra inteligível através da linguagem que o representa, com isso, a verdade se torna consenso por meio dos discursos que o demonstram ou a negam, portanto,

O que [a refutação] mostra num raciocínio formal é que pura e simplesmente, quando verificada, a verdade é um pressuposto. Há evidências de que a enunciação de “verdade” é aquele que demonstra seus sentidos após um descobrimento que em si o enunciado é¹⁸.

O argumento, mesmo ao *formaler Argumentation*, nunca é uma *ἀλήθεια*, isto é, verdade comunicada em sua forma especular do real¹⁹, mas um conjunto elaborado de aproximações, em uma cadeia de significações articulada, que comporia a ideia do real em seus pressupostos. Igualmente, segundo Da Silva (2014a), “entendemos as coisas a partir do que elas são e isso se baseia essencialmente no conceito que construímos sobre o que elas são”²⁰.

Diz-se que a linguagem é operação de familiaridade, por conseguinte, uma relação segundo Ricoeur²¹ com a parte do mundo da vida idealizada e idealizadora. Para Heidegger (1967), esse processo de “constituição de familiaridade” (*konstituiert die Vertrautheit*), é uma condição de “poder político”, própria do *Dasein* em sua configuração mais existencial, em face do mundo, isto é, como um *sujeito do conhecimento* que através da presença do mundo exerce sua aquisição, uma *gewärtigend-behaltende*, isto é, presença aquisitiva de significados de mundo²². Logo, político ao possuir, em detrimento ou não do outro, um conjunto de ferramentas facilitadoras dessa *aquisição cognoscitiva* e da possível e, político ao assumir ou instituir para si o papel de sujeito-mediador.

Sem a linguagem, perde-se a familiaridade como perda da interação-alteração da consciência com o fenômeno, em suas possibilidades de apreensão e significação, nas experiências de ocupações práticas, no lidar, como universo de inteligibilidade constituindo-se na linguagem “instituída”.

No cotidiano, a linguagem é tanto mais *familiarizante* quanto mais sua reprodução “adequadora” da existência se confirma no discurso, eis sua primeira chancela – e isso é facilitado em coautoria, com os falantes *conformados* em seu universo teórico próprio, em outras palavras, é o próprio sujeito que clarifica tal familiaridade para as coisas, assim, “Ele é “iluminado” significando: em si mesmo é iluminado, não por outro ente clarificador, mas por sua própria clarificação, *claridade, clareira*²³. Corresponde à condição do próprio sujeito da linguagem como referencial e possibilidade de clarificação do mundo para e com o outro, em perder sua autonomia, quando num processo de significação e ressignificação em coautoria. Mas, até aqui, esta “redução” não contempla o todo das intenções do “sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas”²⁴ são possibilidades.

Quando se fala em cópia (no sentido de *copiam facere scripti*), pensa-se que uma *reprodução apropriada* da realidade é aquela que se aproxima do original em descrição conceptual - talvez mimética -, sem ocasionar, pela extrema sutileza da diferença (*parállaxis*), distinção aparente entre ambas. Isso é possível? Aparentemente essa aporia se resolveria na vivência do sujeito junto ao mundo em sua descrição anterior, na experiência da intuição primária sobre a razão, na dimensão anterior da própria linguagem, isto é, no ato de *dizer para si*, antes da exteriorização na linguagem. Muito embora a apreensão intersubjetiva do mundo seja o ideal de aproximação de presença e sentido das coisas do mundo. Em outras palavras, é “entendido como mundo intersubjetivo [...]vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado [*kósmos*]”²⁵.

Ainda segundo Schutz (1945),

Toda interpretação deste mundo é baseada em um repertório de experiências anteriores a ela, nossas próprias experiências e aquelas entregues a nós por nossos pais e professores, a qual toma uma forma de "conhecimento à mão", que funcionam como um: esquema de referência²⁶.

Antes de dizer aquilo que descreve, a linguagem, que tem

a função interativa de exterioridade, concorre com a complexa inter-relação de sentidos e contextos para se aproximar daquilo que descreve, antes de exteriorizá-lo. Segundo Figal (2007), “viver na linguagem significa: sempre se aproximar uma vez mais dos limites daquilo que podemos dizer”²⁷, uma vez mais, porque a primeira aproximação decorre pelo *Besorgen*, isto é, pela ocupação. Estas apropriações “retêm” as parcelas de significados doados pelos objetos do mundo; não há totalidade de apropriação. Desta perspectiva, Gignon (1983) nos diz que o “[...] ‘significado’ é como o fundo de inteligibilidade que determina como as coisas são postas para serem consideradas ou tratadas por uma cultura”²⁸.

As inter-relações de sentidos são as possibilidades por meio das quais a significação e a *capacidade de articulação* dos próprios signos e das composições entre os signos se dão, por exemplo, a partir das palavras. Por sua vez, a significação não é apenas um dado, sobretudo é um processo de acordos provisórios como fruto de um “consenso” nas inter-relações de sentidos, empatia (*Einfühlung*) linguística, empatia com o outro no contanto e depois na linguagem.

O que é tão fenomenalmente “primeiro” é uma forma de entender um ao outro, isto é, um modo de *ser-um-com-o-outro*, com efeito, de entendê-lo e ser entendido ao mesmo tempo como aquilo que é “inicialmente” e originalmente auxílio possível para tal condição – a de constituir a relação com os outros²⁹, e desta, constituir um Entendimento.

Conforme segue, a significação articulada se constitui e estabelece condições e possibilidades de orientação no mundo da vida, em cada parada reflexiva (da linguagem) a linguagem edifica uma baliza mais ou menos fiel ao real como sua representação³⁰ e referencialidade no campo Ontológico do consenso. Muito embora, Segundo Da Silva e Marques (2014b), “a linguagem no seu jogo com o que *representa* não pressupõe somente a correspondência, mas também sua negação”³¹.

Como pensam no âmbito da formalização, imagina que a linguagem não é o oposto da contingencialidade; busca-se o melhor modo de clarificação; porém, qualquer processo de enunciação é polissêmico e ela é a *mostração* (*Aufzeigung*)³² voluntariosa dessa idiosincrasia.

Em outras palavras, Da Silva e Marques (2014b) dizem que,

A linguagem é uma reflexão enunciada, não como algo acabado, mas inconstante e multifacetada: ela se lança demonstrando sua pluralidade ao mesmo tempo em que problematiza e doa problemas. Tenta apresentar a natureza das coisas em suas representações [...]; se aproxima apenas daquilo que só pelos sentidos nos aproximamos³³.

Assim sendo, esta significação, é um dado a favor somente dos sujeitos da linguagem apreendida formalmente com o outro, assim conforme estes avançam, por compreensão, no mundo da vida, em face da intersubjetividade, esta compreensão é um “Compreender que se estabelece referencialmente”³⁴, como modificação e domínio da natureza outrora contingencial e outrora inominada, a natureza humanizada.

Em síntese...

A linguagem ocorre em uma grande multiplicidade de relações e é um “componente” primário da atividade do conhecimento, e não, como se dizia, secundário. O caráter compreensivo alcançado por meio da linguagem é anterior ao seu caráter explicativo³⁵. Nas relações de compreensibilidade, isto é, no seu caráter de propiciar compreensão, a linguagem ocorreria antes de tudo, no âmbito do sócio-emotivo. E, em ordem crescente, a afetividade, a intuição, a familiaridade, o pertencimento, a empatia, a alteridade e a projeção, são instâncias comunicativas da linguagem, como “objeto” naturalizado e não instituído. Trabalham no âmbito do *ainda não* enunciado das relações humanas, deste modo, são “naturais” no sentido de que são anteriores à linguagem formal, ao *formaler Argumentation*; esses “objetos” naturalizados se relacionam em interdependência com a instância explicativa da linguagem – o campo das Ciências Naturais que a circunscreve.

A emoção no campo das interações, entre argumentação e suscitar consenso, é resultante das experiências racionais da linguagem bem como anterior a linguagem. Essas experiências, anteriores às relações de compreensibilidade formais não são antagonicas à razão, são subjetivações dadas como condições de inteligibilidade, no primeiro contato positivo com o objeto,

como aquilo que imprescindivelmente possibilita uma “aproximação afetiva” – a lida, o *Besorgen*, isto é, a ocupação.

A subjetivação como aquilo que orienta as relações de compreensibilidade da linguagem assume modos primários – aquilo que percebo (*Seiende*) e aquilo que me faz perceber (*Sprache*). Portanto, a subjetivação é também interação entre forças antagônicas de *sentidos/significados*³⁶.

Referências

- ARISTÓTELES. *Les Politiques*. Tradução de Pellegrin Pierre. Paris: Flammarion, 1990.
- _____. *Política*. Tradução de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998.
- DA SILVA, W. A. Aspectos da existência situada em Heidegger. *Revista Logos & Existência*, n. 3. v. 1 de 2014a.
- _____; MARQUES J. Martin Heidegger and the language problem. *European Scientific Journal*, v. 10, n. 14, 2014b.
- FIGAL, G. Martin Heidegger: *Phänomenologie der Freiheit*. Weinheim: Beltz AthenäumVerlag, 2000.
- _____. *Oposicionalidade*. Tradução de Marcos Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
- GUIGNON, C. B., *Heidegger and the Problem of Knowledge*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1983.
- HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo: Racionalidade da razão e racionalização social*. Tradução de Paulo Artor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamtausgabe durch gesehene Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- KANT. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Balduur Moosburger- *Coleção “Os Pensadores”*. São Paulo: Abril Cultural. 1980.
- LYOTARD, J. *A Condição Pós-Moderna*. 10. ed. Tradução de Ricardo Corrêa da Costa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008.
- MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*.

Tradução de Cristina Magno e Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2001.

RICOEUR, P. *Hermenêutica e Ideologias*. Tradução de Hilton Japiassu. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

SCHUTZ, Alfred. On Multiple Realities. International Phenomenological Society. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 5, n. 4 (Jun., 1945), pp. 533-576.

¹[...] *anthrôpos phusei politikon zôon*, o homem é naturalmente um animal político. ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998/1253a 2.3/I. 2, p. 52

² *Idem*, 1253 a 9-10, p. 55 (λόγον δέμονον ἄνθρωπος ἔχειτῶν ζώων), “dentre todos os seres vivos, apenas o homem possui palavra”.

³*Política*. I, 1, 1252 tem 26-27: ἀνάγκηδὴ πρῶτον συνδυάζεσθα ἰτοῦς ἄνευ ἀλλήλων μὴδυνα-μένους εἶναι (“une union de ceux qui ne peuvent pas exister sans l’autre”). Salvo disposição em contrário, os textos da política são cotados na ARISTÓTELES. *Les Politiques*. tradução de Pellegrin Pierre. Paris, Flammarion, 1990

⁴ Adotamos a expressão “do compreender” e não “compreensão”, visto que a primeira, estando no infinitivo, resolve nosso problema de conceituação da das interações em aberto entre sujeitos da linguagem.

⁵ HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünf zehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001. § 44, p. 214

⁶ HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo – Racionalidade da razão e racionalização social*. Tradução de Paulo Artor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 16

⁷ Quanto à honestidade do diálogo, no justo desta ontologia das interações, é a materialidade da coautoria da vida cotidiana e de seus significados que constroem um diálogo.

⁸ LYOTARD, J. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa da Costa. 10. ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro: 2008, p. 45

⁹ Die Aus sageistwahr, bedeutet: sie entdeckt das Seiend ean ihm selbst. HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001. § 44, p. 219.

¹⁰ Seiende, num sentido mais clarificador, faz também referências mais gerais aos seres (tais como entes, coisa, objetos).

¹¹ DA SILVA, W. A. Aspectos da existência situada em Heidegger. In. *Revista Logos & Existência*, n. 3. V. 1 de 2014a, p. 74

¹² SCHUTZ, Alfred. On Multiple Realities. International Phenomenological Society. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 5, No. 4 (Jun., 1945), p. 546

¹³ HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter

Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, § 26, p.124

¹⁴ MATURANA, H.. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana. Tradução de Cristina Magno e Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2001, p. 71*

¹⁵ FIGAL, G. *Martin Heidegger: Phänomenologie der Freiheit, Weinheim, Beltz Athenäum Verlag, 2000 - SZ, §18, p.87*

¹⁶ *Esbedarf schoneiners ehrkünstlichen und komplizierten Einstellung, um ein "reines Geräusch" zu "hören". HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, § 34, p. 164.*

¹⁷ *Familiar é à disposição de coisas entre si convencionalizadas pelo entendimento, de modo que seja compatíveis, ou incompatíveis nas similitudes; comunicáveis de alguma forma, distribuídas de maneira que seja possível vê-las e descrevê-las.*

¹⁸ *Was sie in formaler Argumentation zeigt, ist lediglich, daß, wennge urteilt wird, Wahrheit vorausgesetzt ist. Es ist der Hinweis darauf, daß zur Aussage "Wahrheit" gehört, daß Auf zeigens einem Sin ne nachein Entdeckenist. HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, § 44, p. 228).*

¹⁹ *Idem, § 44, p. 219*

²⁰ DA SILVA, W. A. *Aspectos da existência situada em Heidegger. In. Revista Logos & Existência, n. 3. V. 1 de 2014a, p. 74*

²¹ RICOEUR, P. *Hermenêutica e Ideologias. Tradução de Hilton Japiassu. Editora Vozes, Petrópolis: 2008, p.42*

²² HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, SZ, § 69, p.354*

²³ *"Esist 'erleuchtet', besagt: an ihm selbst als In-der-Welt-sein gelichtet, nicht durch einanderes Seiendes, sondern so, daßes selbst die Lichtung ist". Idem, § 28, p. 133.*

²⁴ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7º ed. Fonrense Universitária, São Paulo: 2010, p. 30*

²⁵ SCHUTZ, Alfred. *On Multiple Realities. International Phenomenological Society. In: Philosophy and Phenomenological Research, Vol. 5, No. 4 (Jun., 1945), p.533-534*

²⁶ *Idem, p.533-534*

²⁷ FIGAL, G. *Oposicionalidade. Tradução de Marcos Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 230.*

²⁸ GUIGNON, C. B., *Heidegger and the Problem of Knowledge, Indianapolis, Hackett Publishing Co. 1983, p. 116.*

²⁹ *Was so phänomenal »zunächst« eine Weise des verstehen den Mit einander seins darstellt, wird aber zugleich als das genommen, was "anfänglich" und ursprünglich über haupt das Sein zu Anderener möglich und konstituiert. HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen*

Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, § 26, p.125.

³⁰ *A partir da via daquele que toma conhecimento do mundo, representação é tradicionalmente, por sua natureza, um processo de simulação, por meio de interpretação a partir do uso de referenciais constituídos e da objetivação do representado. Diz-se que, de sua origem, se processa no sujeito e da parte deste como linguagem é apreendida por ele no tertium da linguagem; representação como componente doa uma determinação ao objeto, numa perspectiva de passividade do objeto, por assim dizer, estático nessas condições. Assim, desde a Crítica da Razão Pura, a representação ideal é aquela que melhor se aproxima do representado, mas não apreendendo sua totalidade (dingansich), estes, representação e representado, são complementados pelos aspectos que advém da disposição do sujeito que representa que e que adota certas representações. “No fenômeno os objetos e suas propriedades são algo dado pelo modo de intuição do sujeito na relação que o objeto mantém com ele [...] e a própria capacidade de representação do sujeito é afetada por tal objeto. KANT. Crítica da razão pura, tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger (Coleção ‘Os Pensadores’). São Paulo: Abril Cultural. 1980, p.53-53)”*

³¹ DA SILVA, W.S.; MARQUES J. *Martin Heidegger and the language problem*. *European Scientific Journal*, v. 10, n. 14, 2014b. P. 459

³² HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamt ausgabe duch gesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, SZ, § 33, p. 155

³³ DA SILVA, W.S.; MARQUES J. *Martin Heidegger and the language problem*. *European Scientific Journal*, v. 10, n. 14, 2014b, p. 461

³⁴ *gewärtigend-behaltende*. *Idem*, SZ, § 69, p.354.

³⁵ *Heidegger: caráter explicativo, de referir-se a algo (logos apofantikos); caráter compreensivo, de entendimento de algo (logos hermeneutikós).*

³⁶ *Sentido se fundamenta na condição compreensiva da linguagem, enquanto significados se fundamentam pela condição explicativa.*